

TEATRO

O PAI DA FILHA

Antônio Roberto Gerin

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o n. 764.209

Personagens

Oswaldo *(Pai)*
Natalino *(Namorado da filha do pai)*

ATO I

OSVALDO *(Entra na sala e encontra Natalino em pé, esperando por alguém.) - Oi! Sim? Tudo bem?*

NATALINO Tudo bem.

OSVALDO Está esperando alguém?

NATALINO A Marina.

OSVALDO Ah, a Marina! Então você é o novo namorado da Marina.

NATALINO Será que ela já está pronta?

OSVALDO Vocês vão aonde.

NATALINO Bem... Por aí.

OSVALDO Onde é que fica esse lugar?

NATALINO Ficamos de nos encontrar com uns amigos, pra decidir aonde irmos.

OSVALDO *(Sentando-se.) - Não quer sentar? A Marina com certeza vai demorar. Ela sempre demora. Adora fazer namorado*

esperar. (*Pausa. Insiste.*) Senta. Você vai ter que esperar muito. (*Vendo que Natalino vacila.*) Deixa disso, rapaz, senta, você não vai crescer mais não!

- NATALINO (*Sentando-se.*) - Com licença.
- OSVALDO Qual que é a sua altura?
- NATALINO Um e sessenta nove.
- OSVALDO Um e sessenta e sete.
- NATALINO Nove.
- OSVALDO Homem sempre mente a altura.
- NATALINO O meu é nove mesmo.
- OSVALDO Mesmo assim, você é mais baixo que a Marina. Coitada. Tem mania de arranjar namorado mais baixo que ela. Não se preocupe, você não é o primeiro. (*Pausa longa.*) E não será o último.
- NATALINO Altura não é uma coisa importante numa relação.
- OSVALDO Depende! Se você é mais baixo que sua namorada, vai ter que ser mais inteligente que ela. Se for mais baixo e mais burro, vai ter que ser, no mínimo, mais rico. É um desafio e tanto.
- NATALINO Alguma coisa o homem tem que oferecer.
- OSVALDO Ótimo, entendeu rápido. (*Pausa.*) Você trabalha?
- NATALINO Comecei a fazer estágio numa construtora.
- OSVALDO Quantos anos você tem?
- NATALINO Vinte e cinco.
- OSVALDO E ainda é estagiário?
- NATALINO Demorei um pouco pra descobrir o que eu queria.

- OSVALDO E o que é que você descobriu?
- NATALINO Me especializei em edificação.
- OSVALDO Engenheiro?
- NATALINO Técnico.
- OSVALDO *(Lacônico.)* - Mestre de obra.
- NATALINO Não. Técnico mesmo. Faço projetos.
- OSVALDO *(Pausa.)* - Você é corintiano?
- NATALINO Não.
- OSVALDO A Marina é.
- NATALINO Eu sei.
- OSVALDO Você vai ter que ir na torcida corintiana. É barra pesada.
- NATALINO Eu não torço pra time nenhum, posso ser corintiano de vez em quando.
- OSVALDO Muito esperto. *(Pausa. Observa Natalino.)* Você parece mais arrumadinho que os outros namorados da Marina.
- NATALINO O senhor quer dizer diferente.
- OSVALDO Não! Arrumadinho mesmo. Um rapaz com aparência normal, com roupas que todo mundo usa. *(Intrigado.)* Só não estou entendendo esse bigode. Bigode é coisa pra gente gorda.
- NATALINO Eu acho que combina comigo.
- OSVALDO É pra esconder a boca feia, não é isso?
- NATALINO *(Desconcertado, ri.)* - Eu uso porque eu gosto. Acho que faz parte da minha personalidade.
- OSVALDO A Marina não te falou?

- NATALINO Sobre...?
- OSVALDO (*Indignado.*) - Essa menina não fala nada! Cuidado. Marina é o tipo de pessoa que anda de banda. Diz as coisas meio atravessado. Pela metade. Ou usa parábola que ninguém entende. Se ela fosse sincera, ela ia logo te dizer que detesta homem bigodudo. Tem mulher que detesta homem careca. A Marina detesta homem com bigode.
- NATALINO Ela nunca me falou nada.
- OSVALDO Nem vai falar.
- NATALINO Ela me parece bastante sincera. Franca até.
- OSVALDO Meu rapaz, parece que você ainda usa cueiros! A franqueza é uma das melhores formas pra se dissimular o que nós sentimos e pensamos. Como controlar nossos sentimentos, tão cruéis? Nossos pensamentos, tão terríveis? Não temos como controlar. Mas podemos dissimular. Falando francamente, em voz alta, sobre banalidades óbvias! Você acha que a Marina está sendo franca? Não. Ela apenas está sendo óbvia. (*Apressa-se.*) Que perfume você usa?
- NATALINO O básico.
- OSVALDO Aquele fedido.
- NATALINO É perfume bom.
- OSVALDO Pelo jeito ela nunca te disse que detesta homem que usa perfume básico.
- NATALINO Nunca.
- OSVALDO Ela não vai dizer. Até a primeira briga, quando ela terá a oportunidade de jogar na tua cara o perfume fedido.
- NATALINO (*Aliviado.*) - Nós já brigamos.
- OSVALDO Então, você já bebeu do veneno.

- NATALINO De fato, quando ela fica braba, sai de baixo. Mas ela não me falou nada de perfume, nem de bigode.
- OSVALDO Como ela te beija? (*Pausa, Natalino parece confuso.*) Fala, não precisa ter vergonha. Como é que ela te beija?
- NATALINO Normal.
- OSVALDO Só o essencial, pouquinho, não é isso?
- NATALINO De fato, ela não me beija muito.
- OSVALDO Está vendo? Tira o bigode e ela vai te beijar muito mais. Beijo de língua até. Mas ela não beija. Não falei que ela mente? Você sabe. Quem esconde a verdade também está mentindo.
- NATALINO Me permite discordar do senhor. (*Contrariado.*) Ela não me parece mentirosa. É isso que o senhor pensa da sua filha?
- OSVALDO Não sou só eu que penso.
- NATALINO O que eu vejo nela é totalmente diferente.
- OSVALDO Se acha o tal, não é isso? (*Pausa*) O último namorado que ela teve, o imediatamente antes de você. Quando foi mesmo que vocês começaram a namorar?
- NATALINO (*Calcula.*) - Duas sextas-feiras... Quinze dias atrás!
- OSVALDO Se conheceram onde, numa festa, não foi?
- NATALINO Sim, numa festa.
- OSVALDO Ela terminou com o namorado anterior faz quatorze dias. A Marina tem essa péssima mania. Ela não descansa. Só termina com um quando está engatado com o próximo. Ô sujeitinho fedorento! (*Apressa-se.*) O último namorado, não é você não. Só andava de preto, usava uns brincos sebentos pendurados no nariz, na língua, só em pensar, me dá nojo. Você não viu ele na festa?
- NATALINO Não.

- OSVALDO Ele tinha um brinco aqui, em cima do queixo, parecia um sino de natal. Não viu não? Tem certeza?
- NATALINO Não me lembro de ter visto.
- OSVALDO Mas ele estava lá, você que não viu. Eles saíram daqui de casa pra ir na festa. Então ele estava lá.
- NATALINO Eu e a Marina combinamos de nos encontrarmos na festa.
- OSVALDO *(Rejubila-se.)* - Está vendo? Depois diz que eu exagero. Desengatou um e engatou outro! *(Muda o tom.)* Mas não é sobre isso que eu quero falar. Eu quero falar do namorado fedorento. Aquele sol de rachar e o rapazinho de preto, suando feito um gambá assustado. Até hoje eu me pergunto como foi que a Marina aguentou cheirar aquele sovaco! E tinha mais um problema. O rapaz só chegava aqui em casa por volta de meia-noite. Foi o único namorado, e nisto ele é um herói, que fazia a Marina esperar. Era músico. A Marina me convidou pra ir assistir a um show desse tal fedorento. Esses showzinhos de merda, quando o sujeito acha que está começando a carreira, sabe aquela carreira artística que nunca começa? A vida é uma fantasia, entendeu? Estamos sempre achando que vamos dar o próximo passo. É o que está acontecendo com você agora. Está achando que encontrou a mulher da sua vida. *(Pausa.)* Agora, músico bom era o quarto namorado da Marina. *(Explicativo.)* Eu estou contando de trás pra frente. Você é o primeiro agora. Então imagina três namorados atrás. Eu evitava falar com o sujeito. Não escovava os dentes. Nunca teve cárie, e o dentista garantiu que ele nunca teria. Questão de genética. Por que então escovar os dentes? *(Exulta-se.)* Dorme com essa! E a Marina, minha pobre filha, beijava aquela boca. E ele ainda usava *piercing* na língua. *(Observa Natalino.)* Você não usa *piercing*.
- NATALINO Não, senhor.
- OSVALDO É contra?
- NATALINO Nunca me interessei.

OSVALDO Não tem nenhum aí escondido.

NATALINO (*Jocosos.*) - Que eu saiba, não senhor.

OSVALDO Tem senso de humor, hein, engraçadinho! (*Examinando o corpo do rapaz.*) Também não usa tatuagem.

NATALINO Não.

OSVALDO Não é corintiano.

NATALINHO Não.

OSVALDO Tem pai e mãe?

NATALINO Com certeza.

OSVALDO Vivos?

NATALINO Sim.

OSVALDO Separados?

NATALINO Não.

OSVALDO Que coisa mais sem graça.

NATALINO São felizes, vivem juntos há mais de trinta anos.

OSVALDO Jesus! (*Pausa.*) Bebe?

NATALINO Socialmente.

OSVALDO Nunca encheu a cara.

NATALINO Ainda não.

OSVALDO Fuma?

NATALINO Não.

OSVALDO Nem maconha?

NATALINO Com certeza não, senhor.

- OSVALVDO Bate punheta, pelo menos.
- NATALINO Também não.
- OSVALDO Já cometeu alguma loucura na vida?
- NATALINO Que eu me lembre, não.
- OSVALDO Era o primeiro da fila na escola.
- NATALINO Na maioria das vezes, sim.
- OSVALDO Cara, como você é chato. Você é o namorado mais chato que a Marina já teve. Excessivamente certinho!
- NATALINO Gosto de ficar na minha.
- OSVALDO A Marina teve um namorado da bunda tatuada. Músico. Percebeu como a Marina é ligada em namorado músico? Você é músico?
- NATALINO Não.
- OSVALDO Porra! Você não faz nada! O que é que a Marina viu em você?
- NATALINO Eu faço muita coisa.
- OSVALDO O quê?
- NATALINO Eu gosto de jogar baralho.
- OSVALDO (*Curioso.*) - Viciado?
- NATALINO Jogo socialmente. Final de semana. (*Anima-se.*) Mas do que eu gosto mesmo é correr de *Kart*.
- OSVALDO Interessante...
- NATALINO (*Empolga-se.*) - A velocidade é a minha paixão.
- OSVALDO (*Refaz-se.*) - Então. Como eu ia dizendo... Ah, sim, agora me lembrei! O pior namorado que a Marina teve foi esse da bunda tatuada. Namoro tumultuado aquele! Prejudicou

até os estudos dela. Foi a primeira vez que eu fiquei preocupado. Ela que já é bagunceira, não arruma nada, pessoa encostada mesmo, o tempo que ela namorou esse sujeito ela sumiu do mundo. Sumiu assim, modo de dizer. A cabeça saiu do corpo, eram duas coisas incompatíveis. Um dia ela ficou esperando por ele. Aqui na sala. Iam a um sarau, tinha gente até famosa, o maluco ia tocar, ele tocava e fazia assim, ó! (*Imita um tique nervoso no lado esquerdo do rosto.*) Me dava agonia ver aquele contorcionismo. O rapaz não veio buscar a Marina. Até hoje! A Marina, pra não admitir que foi abandonada, porque a Marina não admite nada, ela está sempre certa, nada de errado acontece com ela, acontece com os outros, não com ela, ela jura que o Toninho, esse era o nome do sem vergonha, ela jura até hoje que ele foi morto e enterrado em lugar desconhecido.

- NATALINO Mas houve de fato o crime?
- OSVALDO Na cabeça dela, sim.
- NATALINO Ela deve ter razões pra pensar assim. É uma coisa muito grave.
- OSVALDO Você é burro! O cara deu o cano nela! Você não pode acreditar no que a Marina diz! Você veio de onde? De Marte?
- NATALINO Vim da Bahia.
- OSVALDO (*Espantado, com desdém.*) - Baiano!
- NATALINO Com muita honra.
- OSVALDO Que coincidência! Você é o quarto baiano que a Marina namora. Eu não havia captado essa tendência esquisita da Marina. Ela parece gostar de baiano.
- NATALINO Alguma afinidade deve ter.
- OSVALDO O último baiano que ela namorou... Aliás, um namoro terrível! Não me lembro quando, sinceramente, faz tanto tempo, calculo uns dez namorados atrás. Em média, cada

namoro da Marina dura dois meses, então faz uns dois anos que ela namorou o último baiano. (*Observa o rapaz.*) Você é baiano mesmo?

- NATALINO Salvador. Itapuã!
- OSVALDO Seu pai era de origem portuguesa.
- NATALINO Meu avô era mameluco.
- OSVALDO E sua mãe?
- NATALINO De origem africana.
- OSVALDO Mas você me parece tão branco pra ser um baiano!
- NATALINO Eu tenho pelo menos um pé na África.
- OSVALDO Você sabe que a Marina nunca namorou um negro? Negro e japonês. Parece que ela não gosta. Ela te falou sobre isso?
- NATALINO Não precisa falar.
- OSVALDO Está vendo. Precisa sim! O que interessa dizer, ela não diz! Essa é a minha filha!
- NATALINO Não precisamos falar tudo.
- OSVALDO Mas também não precisamos mentir.
- NATALINO Ela não mentiu.
- OSVALDO E se você fosse negro?
- NATALINO Provavelmente ela não namoraria comigo.
- OSVALDO Provavelmente? Nunca! E vem me dizer que você não tem o direito de saber que a menina não namora você pelo fato de você ser negro? Você, apaixonado por ela, não ia querer saber o motivo?
- NATALINO Não pensei nisso.

OSVALDO Não quer pensar, é mais fácil. (*Pausa.*) Apareceu um dia aqui em casa um rapaz. Um bom rapaz. Mas ele tinha uma cor um pouco carregada demais. O sujeitinho não tinha coragem de entrar. Entrou uma vez, conversou comigo e nunca mais apareceu. Preferia ficar lá fora, na chuva, esperando a Marina, você sabe, ela é mestre em fazer os outros esperar. O troglodita ficava lá fora, encharcado, feito um vira lata sem dono, mas não entrava. E aí, aconteceu. Um dia a Marina saiu pela porta dos fundos pra se encontrar com o próximo namorado. Eu daqui da janela via o frangote encharcado esperando a Marina sair. Eu fui dormir, ele ainda estava lá. (*Inconformado.*) Eu havia alertado o rapaz sobre os maus hábitos da Marina. Ele ficou ofendido. Deu no que deu! E olha que esse rapazola namorou a Marina por três meses. Foi o namoro mais longo dela. Vestia umas roupas largas, brancas, um tecido que parecia saco de açúcar. Imundo! Parecia um baiano do candomblé. Nem preciso dizer que a Marina passou a usar as mesmas roupas. Eram dois fedidos! (*Pausa.*) Até o dia que ela, muito esperta, fugiu pela porta dos fundos, deixou o vira lata lá fora, esperando. Esse final infeliz estava previsto! (*Exalta-se.*) Aí você me pergunta. E daí? E eu te pergunto. Você vai continuar namorando a Marina? Vai querer ficar lá fora, esperando por ela? A noite toda? Até descobrir que ela te trocou por outro? Estamos aqui conversando e você não disse o seu nome.

NATALINO Natalino.

OSVALDO Natalinho?

NATALINO Na-ta-li-no!

OSVALDO (*Gargalha.*) - Mas esse é um nome muito feio. Parece nome de jumento! O jumento Natalino, conheceu? (*Contidamente agressivo.*) Bem, Natalino! Minha filha é toda sua! Se você tiver coragem de se casar com ela, e que Deus lhe dê muita, eu prometo levá-la até o altar, de olhos fechados, e te entregar a chave da infelicidade!

NATALINO Agradeço a sua franqueza.

- OSVALDO Isso não é franqueza, meu rapaz! Desde quando eu estou sendo franco com você? Se fosse franqueza, o que eu tinha que fazer agora era te dar um pé na bunda e te mandar pra fora dessa casa!
- NATALINO Posso eu ser franco com o senhor?
- OSVALDO Você é um rapaz muito arrumadinho pra ser franco.
- NATALINO Mesmo assim eu vou dizer o que eu faria.
- OSVALDO *(Com ênfase, irônico.)* - O que você gostaria de fazer, mas não tem coragem.
- NATALINO O senhor está querendo que eu termine com a Marina, não é? Desiste. *(Exalta-se, sem, contudo, perder o controle.)* Se o senhor me der um pé na bunda, e me jogar pra fora dessa casa, eu volto pra Marina. Se o senhor me der dois pés na bunda, duas vezes eu volto, três pés na bunda...
- OSVALDO Chega! Se não daqui a pouco você vai ficar sem bunda! *(Solene e cruel.)* Afinal, alguém tem que amar a minha filha! Nem que seja por apenas dois meses. A pobrezinha merece. Opa! Ela está chegando. Atrasou pouco, você é um felizardo.
- NATALINO *(Vendo Marina entrar.)* - Que vestido mais lindo!
- OSVALDO *(Inconformado, para a filha.)* - Esse vestido fui eu que te dei, pra você usar ele pra mim!
- NATALINO O senhor me desculpa, por que é que ela tem que usar pro senhor?
- OSVALDO Fica fora disso, rapaz! Você não está entendendo nada!
- NATALINO O que é que eu tenho que entender?
- OSVALDO Eu não vou ficar chateado, filha, eu te compro outro vestido. Mais bonito que esse. *(Para Natalino.)* Você não sabe de nada. *(Em tom de ordem, para Marina.)* Não chegue tarde.

NATALINO *(É puxado por Marina.)* - Por que é que temos que ter horário pra chegar?

OSVALDO Minha filha não é dessas que você está pensando!

NATALINO *(É puxado por Marina, enquanto fala.)* - A Marina vai decidir a hora de chegar em casa. Ainda temos quarenta e cinco dias de namoro pela frente. Vamos aproveitar muito bem. Fazer tudo que tivermos que fazer. *(É puxado fortemente por Marina. Seco.)* Boa noite, seu Osvaldo. Prazer imenso em conhecê-lo. *(Saem.)*

OSVALDO *(Silêncio.)* - Baiano cretino.

FIM

Brasília/DF, 21 de abril de 2016.